



ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

ECPC

O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal que visa a recolha e disponibilização de informação de carácter previsionar, relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas.

Unidade Agroalimentar e Licenciamento

DADR – Divisão Agroalimentar e

Desenvolvimento Rural

Quinta das Oliveiras, E.N.3 – 2000-471 Santarém

Telefone: 243 377 500

Info@draplvt.gov.pt

www.draplvt.gov.pt



MARÇO 2024



Estado do tempo e sua influência na agricultura em geral

No **Oeste** as temperaturas apresentaram diversidade ao longo do mês. A primeira semana, com temperaturas ligeiramente elevadas para a época do ano, seguindo-se uma subida das temperaturas na segunda e terceira semana e novamente uma descida na última semana do mês.

A temperatura média foi de 13,29°C, ligeiramente superior aos valores para a época do ano. As temperaturas máximas apresentaram alguns períodos com valores acima da média, mas também períodos caracterizados por valores baixos para a época do ano, tendo variado entre os 12,2°C no dia 9 e os 26,6°C no dia 23. As temperaturas mínimas apresentaram-se elevadas no período entre o dia 12 e o dia 25, tendo oscilado ao longo do mês entre os 15,5°C no dia 22 e os 5,5°C no dia 26. Apenas muito pontualmente a temperatura desceu abaixo dos 7,2°C, situação que pouco contribuiu para a contabilização de horas de frio acumuladas desde 1 de outubro de 2023, que atualmente situam-se por volta das 445 horas para o Baixo Oeste, embora mais para o litoral estas se mantenham apenas nas 266 horas. No Alto Oeste a situação é bem menos preocupante, contabilizando-se para a região de Alcobaca valores da ordem das 598 horas. Pode-se considerar que a contabilização de horas de frio é pior do que no ano anterior, apresentando-se pouco satisfatória no Baixo Oeste e bastante menos preocupante no Alto Oeste.

O mês de março, apresentou-se ainda mais chuvoso do que os meses de janeiro e fevereiro, com uma precipitação acumulada muito significativa, da ordem dos 165 mm. Ao longo do mês verificaram-se 19 dias com ocorrência de precipitação, com maior concentração em dois



períodos, entre os dias 6 a 10 e os dias 25 a 31, com particular incidência para os dias 7 e 27, em que caíram cerca de 21mm e 42 mm, respetivamente, considerando-se que o mês decorreu em termos pluviométricos acima do normal para a época.

Este valor de pluviosidade elevou os níveis de água nos solos para uma percentagem superior a 99%, apresentando-se o índice de água no solo acima da capacidade de campo em toda a região Oeste.

Pode considerar-se positivo o efeito da pluviosidade ocorrida no mês de março, sobre a recarga de aquíferos e a recuperação dos níveis de armazenamento das águas superficiais, que se vem a verificar desde o mês de janeiro, mas também o efeito negativo nas culturas, do excesso de água e encharcamento dos solos.

O mês caracterizou-se por bastantes dias de nebulosidade, com uma radiação solar inferior à média verificada nos últimos anos e uma humidade do ar elevada, acima de 80% na maior parte dos dias.

O vento foi fraco a moderado com situações pontuais de rajadas de vento na ordem dos 60 a 80 km/hora, nos dias 2, 9, 26 e 28.

Em solos mais argilosos, as intervenções necessárias para as plantações de culturas anuais características da época, apresentam algum atraso devido ao excesso de água no solo, impossibilitando que sejam trabalhados. Ao nível dos pomares, o enrelvamento, em muitos casos está comprometido devido ao trânsito de tratores e pulverizadores, necessários para a realização de tratamentos, em condições de solo muito encharcado.

No que diz respeito à vinha, as temperaturas elevadas ocorridas no primeiro trimestre, com valores máximos e mínimos acima da média verificada nos últimos anos e a maior disponibilidade de água, em resultado dos elevados valores de precipitação ocorrida nos meses de fevereiro e de março, de forma combinada, levaram a uma quebra de dormência das videiras e ao abrolhamento precoce da cultura. A queda de granizo em algumas zonas, nos últimos dias de março, poderá trazer prejuízos para a cultura, embora nesta fase de desenvolvimento a capacidade de recuperação das videiras seja muito alta.

Em relação aos pomares de pomóideas e prunóideas, no Baixo Oeste, a falta de frio invernal refletiu-se numa grande heterogeneidade na rebentação, perspetivando-se um período de floração mais longo. Os damasqueiros apresentam muito baixo vingamento. As temperaturas elevadas verificadas no início do ano promoveram uma rebentação mais precoce. A pluviosidade acumulada no primeiro trimestre do ano (550 a 600mm) praticamente igualou a média anual para a região, comprometendo as culturas devido à dificuldade de aplicar tratamentos, à asfixia radicular e à impossibilidade em aplicar as adubações. As quedas de granizo no mês de março provocaram alguns estragos, pontualmente. As condições climáticas levaram a que muitos produtores tenham investido de urgência em pulverizadores de menor capacidade para conseguir circular nos pomares.

No Alto Oeste, devido ao maior número de horas de frio, perspectiva-se uma floração mais homogénea e agrupada, com um período de floração mais curto. A precipitação e o granizo não terão afetado as culturas de pomóideas, dado que as macieiras estão na fase de gomo inchado e as pereiras na fase gomo a abrir. No entanto, as ameixeiras apresentam-se na fase de floração, podendo a precipitação acompanhada de granizo afetar o vingamento dos frutos.



Relativamente às hortícolas de ar livre, as condições climatéricas, com chuvas persistentes e alagamento de parcelas, temperaturas de solo baixas e queda de granizo em alguns locais, têm-se apresentado muito adversas, condicionando o desenvolvimento das culturas, principalmente nas praticadas em solos argilosos com fraca capacidade de drenagem, acrescido da dificuldade ou mesmo impossibilidade de entrada nas parcelas para a realização de tratamentos fitossanitários.

As culturas de hortícolas em estufa, designadamente o tomate, pepino, courgette e feijão verde, também foram afetadas pelos elevados valores de humidade relativa do ar e de nebulosidade. A falta de luminosidade influenciou o crescimento vegetativo, estiolando as plantas. Excepcionalmente, na semana de 18 de março, com a subida de temperatura as colheitas de courgette e pepino aumentaram.

No **Médio Tejo** durante o mês de março as temperaturas foram em geral acima do normal para a época, especialmente na terceira semana. No dia 23 registou-se o valor mais elevado da temperatura máxima, 27,9°C, muito elevado para a época. A temperatura máxima mais baixa foi de 13,4°C no dia 2 de março. Também as temperaturas mínimas registaram em geral valores muito superiores ao normal para a época, tendo sido registado o valor mais elevado da temperatura mínima de 14,3°C no dia 15 de março e o valor mais baixo de 0,9°C, registado no dia 6.

No final do mês foram registadas 836 horas de frio acumulado em Tomar-Vale Donas e 944 horas de frio em Alvega.

A precipitação ocorreu com maior intensidade entre os dias 7 e 8 e no dia 27, tendo sido registado o valor mais elevado na estação de Tomar de 26 mm no dia 7 de março. Neste mês foram registados 142,6 mm de precipitação acumulada nesta estação meteorológica.

No final do mês o teor de água no solo regista valores com percentagem superior a 99%, apresentando-se o índice de água no solo acima da capacidade de campo na generalidade da região.

A humidade relativa oscilou entre 59% e 100%, sendo a média do mês de 85,5%.

O facto de o mês ter sido muito chuvoso implicou um atraso na plantação da cultura de batata, em especial a de indústria (regadio).

A ocorrência de temperaturas baixas nas noites dos dias 12 e 13 provocaram nas figueiras a queda de alguns figos lampos. Ainda no que respeita a esta cultura, o vento forte, a precipitação e o granizo provocaram a destruição de algumas folhas (queda e rasgar) e de alguns figos lampos.

Na **Lezíria do Tejo** a temperatura média diária no mês de março foi de 13,5°C, variando de 9,3°C a 21,8°C nos dias 26 e 23, respetivamente. As temperaturas máximas mais baixas registadas foram 13,9°C no dia 7 e 13,7°C no dia 26, sendo os dias 17, 18 e 23 os mais quentes do mês com temperaturas de 26,4°C, 26,7°C e 27,3°C respetivamente. A média das temperaturas máximas foi de 19,4°C. Relativamente à temperatura mínima, foram na generalidade abaixo da média (9,2°C). Nos dias 14, 15, 16, 17, 18, 19 e 27 registaram-se temperaturas entre 10°C e 14°C. As temperaturas mínimas mais elevadas registadas, foram de 18°C nos dias 22 e 23.



Quanto à precipitação, os dias mais chuvosos foram 7, 8, 10, 26, 27 e 28 de março, com registo de 22,3mm, 17,5mm, 11,3mm, 14,0mm, 12,0mm e 16,5mm respetivamente.

A humidade relativa oscilou entre 54% e 94%, com uma média de 79,5%.

No **Baixo Sorraia** a temperatura média diária foi de 13,2°C, variando de 9,5°C a 19,3°C nos dias 6 e 23, respetivamente. As temperaturas máximas mais baixas registadas foram 13,6°C no dia 9 e 13,9°C no dia 7, sendo os dias 17, 18 e 23 os mais quentes do mês com temperaturas de 26,8°C, 26,6°C e 27,4°C respetivamente. A média das temperaturas máximas foi de 19,4°C. Relativamente à temperatura mínima, esteve na generalidade abaixo da média (7,7°C). Nos dias 14, 15, 16, 17, 24 e 27 registaram-se temperaturas entre os valores de 10º a 11°C. As temperaturas mínimas mais elevadas registadas foram de 13,7°C e 13,4°C nos dias 22 e 23, respetivamente.

A média de precipitação foi de 2,8 mm, verificando-se nos dias 7, 8, 9, 27, 28 e 31 de março a precipitação de 19,9 mm, 21,7 mm, 15,6 mm, 16,2 mm, 20,6 mm e 13,2 mm, respetivamente.

A humidade relativa oscilou entre 70% e 94%, com uma média de 85,4%.

Na região da **Grande Lisboa** as temperaturas estiveram na maior parte dos dias do mês de março perto da média normal para a época verificando-se, contudo, dias quentes com destaque para o dia 17 com 24,9°C e dia 23 com 26,1°C, sendo que a partir desta altura houve um decréscimo acentuado da temperatura máxima, nomeadamente no dia 26 com 14,5°C. No que respeita à temperatura mínima, cuja média foi de 10,4°C, houve registo das temperaturas mais elevadas nos dias 15 e 23 com 14,8°C e 18,9°C, respetivamente; a temperatura mínima mais baixa foi registada no dia 26 com 5,9°C.

No final do mês de março foram registadas 180 horas de frio acumulado, sem ocorrência de geadas na região.

A precipitação ocorreu com maior intensidade entre os dias 7 e 27, tendo sido registados 33mm e 46,3mm respetivamente. Neste mês foram registados 177,4 mm de precipitação na estação meteorológica de Lisboa, o que se revela normal para a época. Ocorreu em alguns locais queda de granizo, embora sem quantificação de estragos.

Registaram-se níveis de saturação de água nos solos superiores a 99% da sua capacidade de campo.

A humidade relativa oscilou entre 50% e 93%, com uma média de 74%.

Os dias foram maioritariamente caracterizados por nebulosidade e nevoeiro matinais, com tendência a céu pouco nebulado de tarde. No que respeita ao vento, este esteve geralmente fraco a moderado, com ocorrência de tornado no Tejo no dia 28, mas sem repercussões nefastas para as culturas.

No final do mês mantiveram-se os níveis das linhas de água e dos reservatórios hídricos de superfície, com previsão de recarga efetiva dos aquíferos o que, à partida, favorecerá o ano agrícola em termos de rega e de abeberamento de animais.

O frio e chuva que se fizeram sentir no final do mês de março traduziram-se num início da atividade dos citrinos e pomóideas mais lento.



Na **Península de Setúbal** durante o mês de março as temperaturas registaram valores abaixo do normal para a época no início e no final do mês, sendo que em meados do mês foram registados valores muito acima do normal para a época, principalmente nos dias 17 e 23, em que foram registados respetivamente 26,6°C e 27,9°C. Relativamente às temperaturas mínimas, foram também registados períodos com valores muito superiores ao normal para a época, tendo sido registado o valor mais elevado da temperatura mínima de 14,5°C no dia 22 de março e o valor mais baixo de 2,9°C no dia 6.

No final do mês foram registadas 492 horas de frio acumulado em Setúbal e 481 horas em Pegões, valores inferiores em cerca de 80 e 100 horas, respetivamente ao registado no ano anterior nestas estações.

O mês de março decorreu muito chuvoso, registando-se dois períodos de maior intensidade de precipitação, entre os dias 7 e 10 e outro período entre os dias 26 e 31. No final do mês registaram-se na região 133 mm de precipitação, o que corresponde a quase o triplo da precipitação normal para a época na região.

No final do mês de março e devido à precipitação ocorrida ao longo do mês, os solos na região encontravam-se à capacidade de campo, verificando-se a existência de terrenos com encharcamento. Esta situação é, no final do mês de março, muito mais favorável em termos agrícolas que a registada no ano anterior. Efetivamente ao longo do mês de março de 2023 os valores de água no solo foram diminuindo, atingindo valores abaixo de 10% em relação à capacidade de campo, nomeadamente em zonas dos concelhos de Palmela e Montijo.

No mês de março a humidade relativa oscilou entre 62% e 94%, sendo a média no mês de 79,1%.

Os dias decorreram em geral com muita nebulosidade, o que contribuiu para um reduzido número de horas de sol registadas neste mês.

O vento soprou em geral fraco ou moderado, com exceção dos últimos dias do mês, em que por ação da depressão Nelson, se registaram ventos de grande intensidade, com rajadas que chegaram a 73 km/h na zona de Alcochete e Barreiro.

Neste período não se verificou a ocorrência de geadas na região.

No final do mês de março houve zonas onde ocorreu queda de granizo, nomeadamente na zona de Pegões e do Montijo, não havendo relatos de prejuízos causados pela sua ocorrência.

A precipitação ocorrida no mês de março levou a valores muito elevados do teor de água no solo, verificando-se, essencialmente em solos mais pesados, o seu encharcamento com consequências nos trabalhos de campo com recurso a entrada dos tratores nos terrenos.

Face às condições descritas, não se verificam situações de escassez nas disponibilidades de água para rega e no abeberamento de animais.



Fitossanidade: pragas e doenças; intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efetuados; prejuízos causados para além do normal

As condições climatéricas, de humidade e temperatura, apresentam-se favoráveis ao desenvolvimento de problemas fitossanitários.

No **Oeste** na cultura da vinha, as condições de temperatura e humidade verificadas, foram favoráveis ao desenvolvimento de fungos, inclusive à ocorrência de focos de escoriose, sem registo, no entanto, de focos de doença fora do habitual. Verifica-se a necessidade de realização de tratamentos preventivos para evitar um aumento indesejado de infeções e diminuição do risco.

Nas pomóideas e prunóideas, no Baixo Oeste, o início da floração nos pomares foi acompanhado de alguns problemas fitossanitários, designadamente com pragas de pedrolho e cetoneas, em pereiras e maceiras e erinose em pereiras. Existe um elevado risco de doenças, designadamente de pedrado nas pomóideas e lepra, crivado e moniliose nas prunóideas, sendo que apenas no mês de abril será possível avaliar os resultados dos tratamentos em termos de oportunidade/eficácia.

No Alto Oeste não se registam ocorrências significativas relativamente a pragas e doenças.

Nos hortícolas de ar livre os principais problemas fitossanitários verificados no Baixo Oeste, designadamente na cultura da batata, estão relacionados com o controlo de infestantes, uma vez que as chuvas reduzem a falta de eficácia dos herbicidas e dificultam a entrada nas parcelas por excesso de água. Têm-se verificado ainda problemas de míldio, devido às excecionais condições para o desenvolvimento da doença e ao reduzido tempo de proteção dos fungicidas aplicados, devido à lavagem pelas chuvas. Já no Alto Oeste, a cultura da batata de regadio, instalada em solos arenosos, com melhor drenagem, terá decorrido dentro da normalidade em termos de fitossanidade. Na cebola ocorreram problemas de míldio.

No **Médio Tejo** e na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia** não foram assinaladas pragas ou doenças com impacto relevante no normal desenvolvimento vegetativo das culturas.

Na **Grande Lisboa** devido à elevada precipitação e pela falta de horas de frio há registo de ataque considerável de ferrugem na aveia.

Nas pomóideas o bichado iniciou o voo no início do mês aquando das temperaturas mais elevadas tendo, no entanto, deixado de haver capturas nas armadilhas a partir do meio do mês. Identificaram-se mais cancros do que no ano anterior. Verificou-se uma maior incidência de antracnose nos citrinos relativamente à campanha passada. As chuvas intensas e a grande quantidade de água nos solos não permitiram, em muitos casos, a realização atempada dos necessários tratamentos fitossanitários.



Na **Península de Setúbal** conforme referido no relatório de fevereiro, também em março se verificou o desenvolvimento de doenças, principalmente a incidência de míldio na cultura da batata, devido às condições climáticas ocorridas, com valores de humidade relativa e temperaturas elevados, condições propícias ao seu desenvolvimento, tendo sido efetuados os tratamentos fitossanitários preventivos e os necessários ao seu controlo. Relativamente a pragas não há registo da sua ocorrência neste período.



Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior

No **Oeste** as pastagens de sequeiro, em geral espontâneas e pontualmente melhoradas, apresentavam-se com bons crescimentos e boa recuperação após consumo, permitindo a diversificação na alimentação natural disponível. Os prados de regadio são praticamente inexistentes na região, e apresentam um desenvolvimento neste momento equiparados aos de sequeiro atendendo também à boa disponibilidade de água.

As forragens anuais apresentam um desenvolvimento vegetativo muito bom, particularmente os azevém, admitindo-se condições para o primeiro corte no mês de abril para as sementeiras realizadas no início do outono.

Dadas as características da produção pecuária na região, a alimentação dos pequenos ruminantes deambulante e dos bovinos leiteiros e de carne estabulados foi dentro da normalidade. A alimentação das vacas leiteiras está muito dependente do estado das culturas forrageiras, em particular do azevém, que aparentemente irá assegurar um bom aprovisionamento alimentar.

Relativamente à importância do contributo das forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais na alimentação dos animais ruminantes, em relação a anos anteriores, pode-se referir que regressaram a alguma normalidade sem que se notem neste momento grandes desequilíbrios, admitindo-se que se venham a conseguir muito boas produções, permitindo equilibrar as necessidades de suplementação com rações.

Na região do **Médio Tejo** é estimado um bom ano de pastagens, com uma perspectiva favorável das condições de alimentação disponíveis para as espécies pecuárias.

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia** todas as pastagens tiveram um bom desenvolvimento devido à precipitação e à temperatura elevada para a época, prevendo-se um bom ano de fenos.



Na **Grande Lisboa** devido à elevada acumulação de água no solo e às temperaturas elevadas para a época, os prados, pastagens e culturas forrageiras estão com ótimo desenvolvimento, perspetivando-se um ano muito bom de fenos. No entanto, existem pontualmente áreas encharcadas, em que as plantas sofrem de asfixia radicular, e que por essa razão apresentam um mau estado vegetativo. Devido à chuva que tem ocorrido ao longo deste ano agrícola, registam-se casos consideráveis de ferrugem na aveia, o que terá influência na diminuição da sua produtividade. Em certas zonas já se iniciaram alguns cortes para silagem e feno silagem, tendo em vista a instalação de culturas de primavera.

A alimentação do gado em regime extensivo tem sido assegurada pelas forragens verdes, fenos, silagens e rações na alimentação dos animais. No entanto, denota-se uma melhoria em relação ao ano anterior, pela menor necessidade em recorrer a rações industriais e a alimentos conservados.

Na **Península de Setúbal** os prados, pastagens e culturas forrageiras encontram-se com bom desenvolvimento vegetativo, permitindo o pastoreio do efetivo animal sem necessidade de suplementação alimentar e prevendo-se um bom ano de colheita de culturas forrageiras.



Estado Vegetativo das culturas cerealíferas de sementeira outono-invernal

No **Oeste** tratando-se de culturas pouco representativas na região, as poucas sementeiras realizadas apresentam um desenvolvimento vegetativo muito bom. Em relação ao ano anterior, o aspeto vegetativo é melhor em particular para as aveias, situação a que não será alheia a maior disponibilidade de água no solo. Os restantes cereais também apresentem um aspeto vegetativo muito bom.

No **Médio Tejo** as culturas cerealíferas estão a decorrer dentro da normalidade, verificando-se uma campanha muito favorável ao desenvolvimento dos cereais de outono-inverno, que se encontram em bom estado de desenvolvimento, estimando-se, neste período, um aumento de produtividade.

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia** a área que existe de cereais praganosos apresenta um bom vigor vegetativo, notando-se, contudo, a diminuição de área de produção, nomeadamente para o trigo mole, a aveia e a cevada. Esta diminuição de área de produção deve-se aos atrasos de sementeira verificados, à conseqüente desistência, assim como à diminuição acentuada dos preços de mercado destes cereais.

Na **Grande Lisboa** apesar das germinações terem sido afetadas pelo excesso de precipitação, no final de março já se apresentam com bom desenvolvimento vegetativo e, na maioria dos casos, em início de espigamento.



Na **Península de Setúbal** as searas apresentam um bom desenvolvimento vegetativo, superior ao ano anterior.



Culturas arbóreas e arbustivas: estado vegetativo; floração; produção de pomares de citrinos quanto aos aspectos de qualidade e quantidade

Prunóideas - No Baixo Oeste as prunóideas (ameixas, pêseços e nectarinas) encontram-se no estado de fruto em crescimento (J). No Alto Oeste as ameixeiras estão em floração.

Na Península de Setúbal no final do mês encontravam-se na fase de final do vingamento, com frutos pequenos. A perspectiva de produção não é muito favorável, devido às condições climatéricas verificadas, com oscilações de temperaturas e elevada intensidade de ventos na região.

Pomoídeas - No Baixo Oeste, os pomares de pereiras, para a variedade Rocha, encontram-se no estado fenológico de floração (F/F2), alguns mais precoces, já em fase de queda natural das pétalas (F2/G). Os pomares de macieiras, nas variedades predominantes, Gala, Fuji e Reineta, também se encontram em estado de floração e alguns mais tardios ainda na fase de botão floral.

No Alto Oeste os pomares apresentam um estado vegetativo menos avançado, a que não é alheio o maior número de horas de frio. As pereiras encontram-se no estado fenológico 53 (BBCH), fase de gomo a abrir, as macieiras no estado fenológico 51 (BBCH), fase de gomo inchado.

Na Grande Lisboa, no final do mês, as pereiras encontravam-se no estado D-E e as macieiras no estado C3–D. Grande parte dos pomares de pera Rocha apresentava um menor número de flores, sendo que a qualidade das mesmas também é inferior ao ano passado. Relativamente às maçãs ainda não existe informação a referir.

Na Península de Setúbal Os pomares de pereiras e macieiras encontravam-se em início de floração, havendo a preocupação da falta de horas de frio registadas ao longo do ciclo cultural nestas espécies. Nas pereiras regista-se a existência de muita folhagem em detrimento de floração.

Citrinos - Apresentam-se com bom desenvolvimento vegetativo.

As chuvas intensas e a grande quantidade de água nos solos não permitiram, em muitos casos, a realização atempada dos necessários tratamentos fitossanitários.

Vinha - No Oeste verifica-se muita heterogeneidade, com o desenvolvimento da cultura a depender muito do tipo de casta e da zona onde a mesma está inserida geograficamente. Em termos de estados fenológicos, as castas de ciclo longo encontram-se no estado B- Gomo de Algodão e C- Ponta verde, enquanto que as castas mais precoces já se encontram no estado D- Saída das folhas e E- Folhas Livres.



Na Grande Lisboa, no início do mês de março a vinha concluiu a fase de abrolhamento, dando início à fase de folhagem durante a segunda quinzena do mês, com bom estado e vigor vegetativo.

Na Península de Setúbal o desenvolvimento das vinhas encontra-se bastante avançado, dependente das castas e da altura em que foi efetuada a poda, sendo que no geral se encontram uma a duas semanas adiantado em relação a um ano normal e um pouco atrasado relativamente ao ano anterior. Na casta Fernão Pires encontravam-se já na fase de cachos visíveis e cachos separados, com boa mostra e bom desenvolvimento foliar. A casta Moscatel está mais atrasada, sendo que em meados do mês de abril já será possível ter uma ideia da sua evolução. Verificaram-se algumas zonas de vinhas com encharcamento de solos, o que condicionou a entrada de tratores para a realização de práticas culturais.

Outras culturas – No Médio Tejo observou-se um bom desenvolvimento vegetativo das culturas de amendoal e nogueiral. No que respeita aos pomares de figueiras (cultivar ‘Lampa preta’) encontravam-se em bom estado e em fase de desenvolvimento dos figos lampos.



Produção de azeite: funcionamento dos lagares; qualidade do azeite e funda

Na **Região Oeste** a produção de azeite é muito residual. A laboração de azeitona para azeite terminou, encontrando-se já encerrados os lagares. Devido à muito boa qualidade da azeitona, a campanha pode-se caracterizar pela boa qualidade do azeite e por um bom rendimento (funda).

No **Médio Tejo**, face a uma maior produção de azeitona na campanha de 2023/2024 verificada na região quando comparada com a campanha anterior (pior campanha dos últimos anos), foi alcançada uma maior produção de azeite na região, refletindo-se numa variação positiva da produção de azeite na ordem dos 50%, contudo verificou-se um menor rendimento em termos de produção do azeite, com uma funda mais baixa em cerca de 1% a 2% relativamente ao valor habitual de 12% - 13,5% para a azeitona proveniente de olival tradicional. Em termos qualitativos, o azeite apresenta uma qualidade um pouco inferior, com um nível de acidez mais alto e menos frutado, relativamente à campanha anterior.

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia** a campanha terminou em dezembro de 2023. Face ao ano anterior, produziu-se na campanha 2023/2024, cerca de 45 % mais azeite do que no ano anterior.

Na **Grande Lisboa** mantém-se o referido no relatório anterior: *“o azeite processado foi maioritariamente de boa qualidade, quer em termos organoléticos quer em grau de acidez, atingindo-se produção de 82% de azeite virgem extra, 15% de azeite virgem e apenas 3% de*



lampante. Quanto às fundas mantiveram-se normais, existindo casos pontuais de variedades e zonas onde as fundas foram ligeiramente inferiores.”

Na região da **Península de Setúbal**, conforme referido em relatórios anteriores, não existem lagares a laborar.



Plantação de batata (sequeiro e regadio); andamento da cultura de sequeiro; rendimento e qualidade dos produtos

No **Baixo Oeste**, é no concelho da Lourinhã que se concentra a cultura de batata de sequeiro, praticada em terrenos argilosos, mais pesados e de difícil drenagem. Foram realizadas plantações em dezembro/janeiro, com interrupção devido às condições climatéricas. As plantações em alguns locais foram reiniciadas no início de março, com interrupção desde então. Pode-se considerar que o andamento da cultura, bem como o rendimento e a qualidade dos produtos nas plantações de sequeiro, estão a ser fortemente afetadas pelas condições climatéricas adversas, verificando-se dificuldade na emergência de algumas parcelas e a destruição por apodrecimento de outras parcelas ainda não emergidas. Até ao final do mês não existiam áreas plantadas de batata de regadio, ou a existirem foram muito residuais.

No **Alto Oeste** a situação é mais satisfatória. As plantações de batata de regadio foram instaladas em terrenos mais arenosos, com melhor drenagem. Ocorreram dentro do planeado em termos de áreas e de calendário de instalação da cultura, não se verificando a ocorrência de problemas significativos, havendo a expectativa de as primeiras colheitas virem a ocorrer no início de maio.

No **Médio Tejo** verificou-se um atraso na plantação de batata para indústria (regadio), devido à ocorrência de chuvas intensas em março, que atrasaram a plantação, com início na semana de 18 a 24 de março, prevendo-se por essa razão um conseqüente atraso na entrega dos volumes contratados com as respetivas fábricas. No mês de março é estimada uma área plantada de 50% relativamente a igual período do ano anterior, tendo em conta o atraso na instalação da cultura.

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia** neste momento apenas existe 50% de área plantada. A precipitação que se tem feito sentir atrasou muito as plantações.

Na região da **Grande Lisboa**, a batata de sequeiro é praticamente inexistente, exceto em casos pontuais para autoconsumo. No que concerne à batata de regadio, as plantações decorreram dentro da normalidade, estimando-se a manutenção da área semeada relativamente ao ano anterior. No final do mês de março, a cultura apresenta-se com boa emergência e bom aspeto vegetativo.



Na região da **Península de Setúbal** a cultura da batata é efetuada em regadio. Conforme referido anteriormente, as condições de humidade relativa e temperaturas elevadas favoreceram o desenvolvimento de míldio nesta cultura. De salientar também os ventos fortes durante o mês de março na região, que danificaram o suporte aéreo das plantas devido à quebra dos ramos. Ambas as condições terão consequências no desenvolvimento da parte aérea, prejudicando o desenvolvimento da parte subterrânea e consequentemente a produção. Na região, apesar da dificuldade na obtenção da batata semente, verificou-se o aumento da área semeada relativamente à campanha anterior, principalmente no que se refere à batata indústria, com menos exigências na qualidade do produto obtido. Relativamente ao rendimento e qualidade, ainda é cedo para apurar.

9 de abril de 2024